

A criança queimada teme o fogo.

Romance da Rosa

Não é verdade. Uma criança que se queima não teme o fogo. É atraída por ele como a borboleta pela luz. Sabe que, se se aproxima, se queima novamente. No entanto aproxima-se.



SE A CHAMA SE APAGA

Enterra-se uma mulher às duas horas, e às onze e meia o marido encontra-se na cozinha, em frente do espelho rachado, pendurado sobre o lavatório da loiça. Não chorou muito. Se tem os olhos avermelhados é porque não dormiu quase nada. Veste uma camisa de goma e sai-lhe ainda um vaporzinho leve das calças passadas a ferro há pouco. Enquanto a irmã mais nova lhe aperta o colarinho por trás e lhe faz subir o laço da gravata sob o queixo com um gesto quase tão terno como uma carícia, o viúvo dobra-se para a pia da loiça e perscruta ardentemente os seus olhos no espelho; em seguida, passa a mão sobre as pálpebras como quem enxuga uma lágrima; mas as costas da mão continuam secas. A mão da irmã mais nova, a irmã bonita, demora-se uns segundos, imóvel, debaixo do queixo dele. O laço da gravata, branco como a neve, destaca-se-lhe na pele avermelhada. Ele acaricia-lhe furtivamente a mão. A irmã bonita é a que ele ama. Ama a beleza. A mulher era feia e doente, por isso a não chorou.

A irmã feia está em frente do fogão. O gás silva. Sobre a cafeteira resplandecente, a tampa salta. Os dedos vermelhos dela tateiam as torneiras para fechar o gás. Vive na cidade há doze anos, mas ainda é incapaz de se entender com as torneiras. Usa óculos de aros negros e, quando quer olhar

bem de frente para alguém, dobra-se quase em duas e arregala os olhos como as camponesas. Por fim, lá dá com a torneira e fecha-a.

– Está bem um laço branco para um enterro?

É a irmã bonita a falar. O viúvo apalpa os botões dos punhos. Calça de preto e, de cada vez que bruscamente se põe nas pontas dos pés, os longos sapatos rangem-lhe. Entretanto, a irmã feia volta-se com a prontidão de uma pessoa atacada:

– Naturalmente, branco para um enterro. Isso, sei-o eu desde o enterro do cônsul.

Aperta os lábios. Os seus olhos pestanejam por trás dos óculos como se tivessem medo. E talvez que o tenham! Ela sabe tudo sobre enterros. E quase nada sobre casamentos. A irmã bonita sorri e continua com as suas experiências e carícias. A feia tira da mesa uma jarra de flores mortuárias brancas e poisa-a na pia da loiça. O viúvo mira-se novamente ao espelho e surpreende-se a sorrir. Fecha os olhos e aspira o odor da cozinha. Por mais que se lembre, para trás, os enterros para ele tiveram sempre um relento de café e da transpiração das irmãs.

Mas desta vez é também uma mãe que vai a enterrar, e o seu filho tem vinte anos; é tudo quanto possui. Está ali, debaixo do lustre, naquele quarto onde as pessoas se apertam. Em consequência das lágrimas da noite, tem os olhos levemente inchados. No entanto, lavou as pálpebras com água fria e supõe que ninguém adivinhará nada. Na realidade, porém, tudo se adivinha! Pelo que os convidados o evitam. Não por cuidados que tenham com ele, mas por medo, visto o mundo recear todo aquele que chora.

Durante momentos conserva-se perfeitamente calmo, sem mesmo amachucar os punhos nem implicar com o fumo do braço. O relógio dourado dá uma pancada fraca, muito fraca. Os convidados conversam perto da janela. Põem véus de luto na voz, o que mesmo assim não impede qualquer

da família do pai de tamborilar uma marcha no parapeito. Tem rudes articulações nos dedos e estimava bem que elas não ranguessem, mas elas rangem sempre. Depois, outro, chegado do campo, abre o rádio. Não há nada, visto ainda não ser meio-dia, nada a não ser ruídos, ruídos, mas ninguém tem a ideia de o fechar.

A serena luz de Janeiro introduz-se no quarto e brinca com todos os sapatos engraxados ou de polimento. E, naquele grande espaço vazio que se formou sob a lâmpada, ao meio da casa, ele encontra-se de pé, sozinho, vê tudo, ouve tudo, embora tenha o pensamento longe. Antes de a sua mãe morrer, deixando-o só, havia ali uma grande mesa de carvalho; hoje empurraram-na para ao pé da janela. Está coberta com uma toalha branca. Sobre a toalha há copos, uma garrafa de vinho tinto, quinze chávenas brancas e frágeis, um grande bolo escuro que, embora açucarado, deve ter um gosto amargo. Por trás das garrafas, sobre o parapeito da janela, colocaram o retrato da mãe, rodeado hoje de pesada moldura negra, entre plantas verdes – bastante caras neste mês de Janeiro. Enquanto se prepara o café do enterro, e o padre se barbeia no presbitério e na garagem das Pompas Fúnebres se enchem os depósitos dos carros, os onze convidados reúnem-se em volta da mesa e da fotografia da morta. É um retrato de juventude. A cabeleira ainda abundante e escura descaí-lhe sobre a fronte lisa. Os lábios carnudos, entreabertos, deixam ver os dentes brancos e intactos.

– É ela aos vinte e cinco anos – diz um.

– Vinte e seis – rectifica outro.

– Alma parecia bem, quando era nova.

– Sim, parecia bem, Alma.

– Sim, em nova ela parecia bem.

– Compreende-se que Knut, que Knut... hem!...

Lembram-se então que o filho está no meio da casa e que os pode ouvir.

– Tinha uns bonitos cabelos – retoma um, apressadamente.

- Nesse tempo já ela esperava a miúda...
- Não é possível; ela tinha uma filha...
- Devia ter tido, mas morreu.
- Pequenina, então?
- Com um ano. Depois, juntos é que tiveram o rapaz.
- Mas eles eram casados.

Lembram-se então novamente dele, e desta vez calam-se. Alguém puxa de um grande lenço branco e assoa-se. Fecham o rádio. Com breves rangeduras de sapatos toda a gente se acomoda para deixar servir o café. É a tia simpática que o traz na cafeteira, a que ele ama porque chorou por trás dos óculos. Traz a cafeteira ao alto, com um ar muito digno, como se trouxesse um círio, e transpira dentro do vestido preto, apertado. Atrás dela vem a tia nova. Calça meias de seda preta, e os homens, esquecidos da ocasião, demoram o olhar nas suas lindas pernas. Durante um segundo ela sorri para alguém. Não chorou.

Enfim, o pai chega. Lentamente, de olhos baixos, dirige-se para o filho. Todos se calam, e voltam-se. Até mesmo aquele que tamborilava uma marcha sossega; o pai, igualmente. Em silêncio, sós, encontram-se no meio da casa. As suas mãos juntam-se, depois os braços, depois os peitos. Os olhos é que são os últimos a encontrar-se. Não por muito tempo, mas cada um deles pôde ver se o outro chorou ou se tem os olhos enxutos.

- Não chores, meu filho – diz-lhe o pai.

Falou muito baixo, no entanto todos o ouviram e logo um dos convidados se pôs a soluçar, soluços rapidamente engolidos. Os sapatos rangem ainda e os vestidos ramalham como pés em cima de folhas. O braço do pai é duro como a pedra.

- Não chores, meu filho – repete ainda.

O filho então afasta-se docemente do pai, que não chorou. Sozinho percorre o espaço sem fim que o separa da mesa onde estão espalhadas as chávenas fumegantes e os copos

cheios. Alguém se encontra na sua passagem, mas, receoso, ele afasta-se. Sem tremer, ergue uma chávena, depois um copo e volta-se gravemente.

O pai não buliu. O braço rígido pende-lhe, como ferido, ao comprido do lado direito. Baixa lentamente a cabeça e dobra uma das orelhas a chato contra a face. De repente um raio de sol ilumina a sala. É então somente que o filho nota como os olhos do pai se tornaram brilhantes, e entorna algumas gotas daquele vinho amargo e quase negro no chão, entre os próprios sapatos.

À espera da chegada das carruagens, dividiram-se em pequenos grupos, por aqui e por ali. Quatro deles estão de pé, de copo na mão, sob o relógio, do qual se ouve o ruidoso tiquetaque. Beberricam quando ninguém os vê. É gente do campo, parentes do viúvo; gente que não se vê senão nos casamentos e nos enterros. A sua roupa cheira a traça. Olham para o relógio, deve ter custado caro. Depois encaram-se. Contemplam os dicionários cujas lombadas de couro reluzem através dos vidros da estante; também devem ter custado caro. Entreolham-se ainda e beberricam. Subitamente entram a segredar, com os lábios amolentados pelo café e pelo vinho. Nunca estimaram a morta.

As irmãs estão debaixo da lâmpada, com quatro amigos do pai que pediram licença segunda à tarde para assistir ao enterro. Esperava-se que os amigos aparecessem em maior número. Mas nenhum, nem mesmo aqueles que tinham vindo, amava a morta. No entanto uma vez, pelo menos, lá falam dela, em voz baixa e enfadada. Depois mudam de assunto, sempre no mesmo tom.

O viúvo e o filho estão ao pé da janela em companhia de três vizinhos de patamar: duas mulheres contentes por terem hoje um bocado de distracção e um homem com licença de doente. O filho conserva-se perto da janela. Colocou o copo e a chávena no parapeito, entre dois vasos de flores. Ele sabe que os vizinhos tinham pouca amizade à mãe. Não os quer